



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Campus Litoral
Curso de Técnico em Agroecologia

Tema: Educação agroecológica

Professora: Márcia Regina Ferreira

Resenha crítica

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Paulo Freire foi um educador brasileiro, de renome internacional. Faleceu em 2 de maio de 1997, no entanto, embora o lançamento de seu último livro tenha sido em dezembro de 1996 - quando publicou *Pedagogia da autonomia - saberes necessários para a prática pedagógica*, já em maio de 1997 ele tinha alguns escritos que se tornaram em 2000 sua última publicação: *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. O autor é muito conhecido pelos livros: *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança*, *À sombra desta mangueira*, *Educação como prática da liberdade*, *Educação e mudança* entre outros. É uma referência na educação nos dias de hoje e suas obras permanecem como atuais, assim como o livro que aqui será resenhado, pois sua concepção de educação é a principal inspiradora de experiências de comunicação popular.

A obra *Extensão ou comunicação?* É na realidade um ensaio do autor sobre sua reflexão sobre o seu trabalho no Chile, onde buscou refletir sobre a ordenação lógica de conceitos (da extensão) e sobre o trabalho do agrônomo (técnico em contato com o camponês) como um ato educativo em uma perspectiva humanista. O livro está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo é uma tentativa do autor em abordar a aproximação semântica do termo extensão, em que o autor apresenta a origem da palavra extensão: estender algo a alguém, e a partir dessa análise vai apresentando toda a proposta de dominação, transmissão, passividade, messianismo, superioridade, inferioridade e invasão cultural que o termo apresenta. Assim o autor demonstra que todos os termos que envolvem a extensão são na verdade ações que transformam o agricultor “em coisa”. Desta forma, o termo extensão não coincide e não corresponde a um fazer educativo libertador do Agrônomo como extensionista. Pois, dentro da perspectiva humanista o papel dos homens é serem sujeitos da transformação do mundo, com a qual se humanizam. E na proposta da extensão existe uma conotação extremamente mecanicista que está implícita no ato da extensão: levar, transferir, entregar, depositar. Ou seja, tem um que sabe e um que desconhece.

No segundo capítulo, Freire ainda apresentando a extensão como antidialógica, aborda a extensão e invasão cultural e reflete sobre a necessidade da Reforma agrária, transformação cultural e o papel do agrônomo educador. Nesse capítulo é muito interessante notar a preocupação do autor sobre a dialogicidade, a importância da reflexão sobre si mesmo e de sua própria realidade e a necessidade da práxis – a sua prática sendo refletida, para que o sujeito possa sair da DOXA (mera opinião- percepção ingênua das coisas) para o LOGOS (verdadeiro saber). Partindo desses conceitos o autor consegue mostrar que a teoria implícita na ação de estender, ou seja, na extensão é uma teoria antidialógica e desumana. Como tal, incompatível com a verdadeira educação, apresentando-se na realidade como uma invasão cultural, pois invade, existe um invasor (extensionista) e um invadido (camponês). Assim para o autor, não se pode confundir extensão com educação. A educação necessita de humanidade e o

humanismo verdadeiro não pode aceita-lo, pois a extensão mostra-se como manipulação e domesticação e não caminho de libertação para o camponês. Nesse sentido, o autor questiona o compromisso do profissional com a sociedade e acrescenta a urgência do diálogo, a necessidade da decisão política para a reforma agrária, o perigo do messianismo, onde as técnicas são valorizadas e os homens são diminuídos (esquecidos). Nesse capítulo ele faz um apelo de que só a reforma agrária não basta, é preciso ir trabalhando e construindo a nova mentalidade sobre a velha estabelecida. É preciso dar importância à consciência histórica e o domínio cultural: “que o homem não é apenas o que é, mas também o que foi”. É possível algo diferente, desde o agrônomo também se veja como agente de mudança, porém se veja **com os** camponeses (agentes de mudança também). Para Freire, cabe a ele inserir-se no processo de transformação, conscientizando-os e conscientizando-se.

No último capítulo, o autor se refere ao título do livro **Extensão ou comunicação?** Como nos capítulos anteriores ele teve toda uma preocupação em mostrar a origem e o conceito da palavra extensão e o papel do agrônomo como educador, aqui o autor vai mostrar como o conhecimento é gerado entre os homens em uma relação social, onde existem vários sujeitos que pensam, dialogam e comunicam, os quais através dessas ações constroem o mundo (cultura história) e constroem a si mesmos. Assim, ele destaca a intersubjetividade e a intercomunicação, através da mediação entre os homens que pensam e falam. Para tal reflexão, Freire utiliza a teoria de Nicol sobre as relações constitutivas do conhecimento (a gnosiológica, a lógica, a histórica), destacando a relação dialógica. Pois para o autor, “não há pensamento isolado, na medida que não há homem isolado”. Assim, o mundo humano é um mundo da comunicação, e comunicação se dá através de sujeitos co-participantes que apresentam reciprocidade entre si. Diferentemente da extensão onde há um sujeito que sabe e outro que não sabe (Emissor –ativo e receptor-passivo), na comunicação não há sujeitos passivos. Nesse sentido a educação é comunicação. Como comunicação impõe diálogo, é necessário que entre os sujeitos exista um quadro significativo comum (signos, expressões e integridade) para que aconteça um encontro de sujeitos interlocutores que busquem a significação dos significados. Já que diálogo não é transferência de saber e sim uma troca, como diz Bohm “no diálogo ninguém está tentando ganhar, é uma relação ganhadora”. Dentro dessa perspectiva humanista que Freire apresenta sobre a comunicação entre técnicos e camponeses é preciso ter persistência para criar um canal de comunicação devido aos condicionamentos sócio-cultural. Porém, é importante que o agrônomo em uma perspectiva humanista rejeite toda forma de manipulação e ressalta sua afirmação ao escrever “comunicação sim, extensão não”.

Para realizar a conclusão de seu ensaio, Freire faz uma reflexão sobre a educação como uma situação gnosiológica. Destaca que é preciso ver o homem em sua interação com a realidade e a importância do conhecimento histórico-social-cultural no fazer dos homens, já que a história é feita pelos homens e ao mesmo tempo nela vão se fazendo. Assim, mostra que o movimento do homem e mundo objetivo é dinâmico (mundo criando-se histórico e cultural), ou seja, é impossível desejar que um homem seja adaptado, pois adaptação exige a existência de uma realidade acabada e estática e não criando-se. Tentar adaptar ou domesticar um homem significa subtrair o homem, ou seja, coisificá-lo, isto é uma educação com visão instrumental. Para Freire a educação não é neutra, a educação precisa ser humanista, ou seja, para a prática da liberdade, na qual o sujeito tem de fato uma situação de verdadeira aquisição de conhecimento, onde todos são criadores de conhecimento. Assim o técnico-educador deve ter a práxis como constante e buscar o diálogo para com eles (camponeses) melhorar a realidade e transforma-la.

O livro é extremamente interessante e atual (foi escrito em 1968), as idéias apresentadas são oportunas para quem quer trabalhar e entender melhor a comunicação

tanto nas comunidades rurais como urbanas. Embora o texto seja dirigido para Engenheiros agrônomos o texto permite o entendimento da proposta do autor independente da área de formação do leitor. A grande relevância e profundidade das idéias do livro é que os capítulos levam-nos a pensar sobre a origem das palavras, seus significados, suas relações, sua dinâmica, sua complexidade e o caminho da educação como prática libertadora e do humanismo. Desta forma, percebe-se a grande contribuição do ensaio de Freire da década de 60, através das reflexões que estamos realizando agora a partir da década de 90 sobre o pensamento complexo e todas as reflexões realizadas por Morin sobre a ciência com consciência, a necessidade da cabeça bem feita, saber pensar e não ser manipulado, saber viver, saber conviver, a ligação dos saberes, terra pátria e a necessidade da ética e auto-ética. Nesse sentido, o livro de Freire é atual e possui muitas conexões com os livros citados acima. Pois todos apontam o que Freire mais buscou mostrar –reflexão critica sobre a realidade - sobre o perigo de transforma os homens em “coisa”, a necessidade do dialogo e da percepção que a construção do conhecimento se dá no coletivo, como diz Morin “fazer junto, tecer em conjunto”, assim como já dizia Freire: “não há pensamento isolado, na medida que não há homem isolado”. Apresentando que o homem como é um ser em construção, inacabado, sendo o mundo humano, um mundo de comunicação (diálogos), mostrando toda a complexidade e dinâmica da vida, onde se destaca que a historia é feita pelos homens e que sempre o homem tem direito à opção. “O que não tem é o direito de impo-las”.

Desta forma, indica-se o livro para todas as pessoas que desejam trabalhar como educadores dentro de uma visão humanista, principalmente em comunidades rurais. Através da leitura é possível destacar que assim como a educação para Paulo Freire não é neutra, a educação agroecológica que é voltada para educação ambiental, também não é. Pois, a mesma possui uma proposta ideológica (sobre o sistema social e sistema ecológico), apresentando-se através de atos políticos (participação pela emancipação do sujeito), os quais são baseados em valores de transformação social (considera-se as seis dimensões da sustentabilidade), destacando que o modelo atual de desenvolvimento rural e de agricultura convencional é insustentável. Nesse sentido, os leitores que desejam trabalhar com a educação agroecológica como uma dimensão importante para o processo de mudança e também necessária para consolidar um novo modelo de desenvolvimento rural, podem antes da leitura deste livro (Extensão ou comunicação?) realizar a leitura da Pedagogia do oprimido do mesmo autor, pois ficará mais fácil o entendimento de alguns conceitos apresentados nessa obra e algumas reflexões necessárias sobre comunicação e desenvolvimento rural.

